

**XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB****ISSN 2177-3688****GT 01 – Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação****CARTAS FILOSÓFICO-EPISTEMOLÓGICAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: PRIMEIRAS
CARTOGRAFIAS NÚNCIAS*****PHILOSOPHICAL-EPISTEMOLOGICAL LETTERS IN INFORMATION SCIENCE: FIRST
NUNCIATURE CARTOGRAPHIES*****Gustavo Saldanha. IBICT.****Modalidade: Trabalho Completo**

Resumo: A pesquisa repousa sobre epistemologia da Ciência da Informação, com base em pesquisa teórica, conceitual e bibliográfica sobre a filosofia da informação constituída no escopo do campo da Ciência da Informação no século XXI, com vistas à compreensão de seu impacto aplicado nos âmbitos social, cultural e político em nossa realidade contemporânea via suas revoluções sociotécnicas. Tendo como ponto de partida o foco do elo teórico-empírico da filosofia da informação constituída em Ciência da Informação, sob diferentes influências, a investigação focaliza a percepção de diferentes contextos de produção conceitual dispersas na linha de uma historiografia informacional. Para tal, lançamos mão da abordagem da epistemologia histórica como marco teórico preliminar. A primeira questão lançada na essência do problema se pergunta pela condição formação histórica é um modo específico de criar – a poiesis filosófico-cartográfica de nosso campo – e de deliberar sobre as dialéticas da filosofia da informação oriunda de nossa discursividade.

Palavras-Chave Epistemologia da Ciência da Informação. Cartografia dos saberes. Epistemologia histórica. Filosofia da informação.

Abstract: The research rests on the Information Science epistemology, based on theoretical, conceptual and bibliographic research on the philosophy of information constituted in the scope of the field of Information Science in the 21st century, with a view to understanding its impact applied in the social spheres, cultural and political in our contemporary reality via its sociotechnical revolutions. Having as a starting point the focus of the theoretical-empirical link of the philosophy of information constituted in Information Science, under different influences, the investigation focuses on the perception of different contexts of conceptual production dispersed in the line of an informational historiography. We use the approach of the epistemology of history as a preliminary theoretical framework that supports the figuration of our discourse. The first question raised in the essence of the problem is asked by the condition of historical formation is a specific way of creating – the philosophical-cartographic poesis of our field – and of deliberating on the dialectics of the philosophy of information arising from our discursivity.

Keywords: Information Science Epistemology. Cartography of knowledge. Historical epistemology. Philosophy of information.



1 INTRODUÇÃO À ROTA INCONCLUSA: SOB MAPAS E MAPAS

A proposta da pesquisa repousa sobre epistemologia da Ciência da Informação, com base em pesquisa teórica, conceitual e bibliográfica sobre a filosofia da informação constituída no escopo do campo da Ciência da Informação no século XXI, com vistas à compreensão de seu impacto aplicado nos âmbitos social, cultural e político em nossa realidade contemporânea via suas revoluções sociotécnicas. Trata-se, pois, de um observar um modo como se produz filosofia e como se cartografia a filosofia da informação em Ciência da Informação. Integrante do macro-projeto “Cartas filosófico-epistemológicas em Ciência da Informação: cartografias das teorias da informação do século XXI para ciência, sociedade e inovação”, a pesquisa procura tecer o mapa teórico-conceitual de construção de nosso pensamento sobre a informação via a produção científica em Ciência da Informação orientada para os aportes filosófico e epistemológicos.

Como desdobramento das etapas que antecedem o estudo, a pesquisa parte da influência de Ludwig Wittgenstein no escopo do olhar filosófico-metodológico sobre e da linguagem, centralmente, a) a relevância da filosofia da linguagem na conformação epistemológica do campo (da CI para a Organização do Conhecimento – OC -, da OC para a CI), centralmente, aqui, no ponto de vista da representação cartográfico-intelectual da realidade, reconhecida em diferentes autorias do campo informacional, como Maria Nélida González de Gómez (2002, 2001, 1996a, 1996b), Bernd Frohmann (2011, 2009, 2004, 1990) e Rafael Capurro (2007, 2003, 1992); b) a estrutura crítica aberta pela pragmática e pelos desafios sociais e culturais da interpretação do mundo propiciada pelas lentes teóricas e metodológicas que foram constituídas na organização do conhecimento.

Tendo como ponto de partida o foco do elo teórico-empírico da filosofia da informação constituída em Ciência da Informação, sob diferentes influências, via delineamentos históricos e sociais de cada espaço-tempo, a investigação focaliza a percepção de diferentes contextos de produção conceitual dispersas na linha de uma historiografia informacional em seus canais centrais de repercussão do pensamento filosófico-epistemológico. Para tal, lançamos mão da abordagem da epistemologia história como marco teórico preliminar que sustenta a figuração de nosso discurso.



A primeira questão lançada na essência do problema se pergunta pela condição formação histórica é um modo específico de criar – a *poesis* filosófico-cartográfica de nosso campo – e de deliberar sobre as dialéticas da filosofia da informação oriunda de nossa discursividade.

2 A PAISAGEM VIVIDA

As motivações para o desenvolvimento da pesquisa estão inseridas diretamente no decurso da historicidade da investigação de fenômenos filosóficos, epistemológicos, teóricos e históricos dos marcos epistêmicos do campo informacional. A partir dos estudos da cibernética e das interpretações de seus pressupostos pela via da Ciência da Informação, incluindo das teorias neopositivistas, como do Círculo de Viena, à pragmática da linguagem ordinária, como no pensamento do segundo Wittgenstein, chegamos à compreensão do papel de uma filosofia da informação sustenta, em nosso campo, pela noção de documento e uma outra pluralidade de conceituações, como escrita e discurso, mensagem e esquema, como presente em obras como Otlet, Day (2005, 2001), Capurro (1992) e Estivals (1990, 1981, 1978).

Essas noções nos levam da cibernética como uma construção capaz de ser antevista no *Fedro* de Platão, como já fizera Derrida (2008), assim como nos coloca perante as transformações posteriores, do processamento eletrônico à web das redes sociais. Essas configurações trazem a luz uma gama de mapeamentos epistemológicos em nosso campo, demonstrando a maturidade de reflexões que vão de Nicola Roubakine (1998a, 1998b) e Ranganathan, a Nitecki. Podemos também incluir as leituras filosóficas como a hermenêutica em Lena Vania Pinheiro (2005), Maria Nélida González de Gómez (2002, 2001, 1996a, 1996b), Miguel Ángel Rédon Rojas (1997, 1996a, b), Mostafa (1985), Rafael Capurro (1992, 2003), “cibersemiótica” de Soren Brier (1996) à “análise do domínio” de Birger Hjørland e Hanne Albrechtsen (1995) e Hjørland (2002), diferentes abordagens apresentadas no período focalizam a relevância da “linguagem” em suas estruturas. Incluem-se aqui, ainda, a “polirrepresentação”, de Peter Ingwersen (1996).

Do ponto vista histórico, a partir da epistemologia da CI, podemos perceber a circulação de correntes teóricas por trás do desenvolvimento de análises historiográficas de Rayward (1996) e Day (2005) e da necessidade de percepção da influência de marcos epistêmicos do pensamento social, como Auguste Comte, Gabriel Tarde e Emile Durkheim em



Paul Otlet (1934) e Nicolas Roubakine (1998). No cenário latino-americano críticas semelhantes serão encontradas em González de Gómez (2002) e Rendón Rojas (2007).

Esse exercício pode ser vislumbrado, por exemplo, desde Conrad Gesner em nosso campo, via o mapeamento geral das ciências através da cartografia bibliográfica de sua *Bibliotheca Universalis* em 1545, ou, mais tarde, com Peignot (1802a,b), influência determinante no pensamento otletiano, tanto no ponto de vista epistemológico, como no ponto de vista geopolítico, com seus sistemas bibliográficos compilados.

Como essência das problemáticas envolvidas, via a menção ao Fedro platônico, bem como a outros grandes diálogos escatológicos da obra do filósofo grego, chegando à cibernética de Wiener no século XX, sustentamos que a filosofia da informação, antevista em nosso campo, a Ciência da Informação, como oriunda da filosofia da escrita como sub-ramo da filosofia da linguagem – se partirmos do *Fedro* –, é uma filosofia especulativa e aplicada desde o seu princípio, ou seja, se estabelece desde a Antiguidade, mais precisamente, desde Aristóteles, como hylemórfica. Em outras palavras, a filosofia da escrita – ou filosofia do traço no sentido de Derrida –, transmutada em filosofia da informação no vocabulário do século XX, é uma unidade básica de transformação cotidiana da sociedade. Por essa questão, a filosofia da informação opera, desde a Antiguidade, como problema sofístico, entre ciência e inovação, como máquina de mutação política e de efetivação de novas dinâmicas para a realidade poética, ou seja, o real assim como ele é construído (e não determinado). Por essa razão, compreende-se aqui a construção de uma experiência cartográfica em filosofia da informação, pela via da produção científica em Ciência da Informação, como experimento objetivo para compreender os potenciais de transformação da sociedade, via a racionalidade ciência, através da inovação como pressuposto social.

3 DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PAISAGEM REVISITADA

3.1 Cartografia dos saberes: o urbanismo epistêmico desvelado na metáfora da cidade

O marco teórico-metodológico estrutural da pesquisa está ancorado na concepção de cartografia dos saberes, a partir da perspectiva de descrição quanti e qualitativa da realidade epistêmica, entendida como o “urbanismo do conhecimento” ou, simplesmente, o conjunto de cartas espaço-temporais do conhecimento científico produzido dentro de um dado território de produção e circulação de ideias. O percurso nos leva das cartografias existentes,



reconhecidas e classificadas, até outras cartografias possíveis sob influências das distintas filosofias que sustentam, incidem ou dialogam com a construção da Ciência da Informação, como filosofia da linguagem, filosofia da técnica, filosofia política, filosofia da cultura, filosofia social.

A metáfora cartográfica parte fundamentalmente da obra literária de Ítalo Calvino (2003), “As cidades invisíveis”, concluída e publicada em 1972, e a capacidade narrativa de explorar conhecimentos a partir de viagens, visitas do narrador. O romance ou caderno de contos apresenta o resultado das viagens, no século XIII, do mercador de Veneza, Marco Polo, para Kublai Khan, imperador dos tártaros. Marco Polo é, neste sentido, a cibernética ótica do Grande Khan: é a através dos olhos narrativos do viajante que o imperador pode ter conhecimento da vastidão de seu território conquistado. Daqui retira-se a ferramenta das cartografias narrativas que compõem a infraestrutura da pesquisa.

Além das metáforas do viajante e da cartografia narrativa, a proposta da obra, pela via do narrador Marco Polo nos leva a outra dimensão do conhecimento, presente já na Antiguidade, em Sócrates e Platão (1949): a maravilha. O conhecimento é um exercício do maravilhar-se com a beleza do conhecimento, com a capacidade da racionalidade de tecer soluções para aquilo que, a “olhos nus” (possível ferramenta neutra), o senso comum julgaria ser a verdade. Através da atividade filosófica pode-se revelar aquilo que está além da mera concepção rasteira da realidade, donde a metáfora do mito da caverna, talvez o mais famoso exercício figurativo da filosofia, parte e onde deseja chegar, ou seja, o encantamento no desvelar da verdade ou, simplesmente, a derrocada das falsas antinomias.

Da metáfora da cartografia narrativa, a experiência da pesquisa percorre, em sua direção, o caminhar da pesquisa que desemboca neste, reconhecendo, a) relação entre epistemologia da Ciência da Informação e a pluralidade teórica das formas de visualização do conhecimento permitidas, inicialmente, pela própria formulação teórico-empírica da organização do conhecimento, de Conrad Gesner à teoria contemporânea da organização do conhecimento e sua pluralidade, b) a influência da plataforma da filosofia da linguagem sob os construtos epistemológicos tanto da CI como da OC em suas mais diferentes configurações teóricas e aplicadas; d) o desenvolvimento de uma sólida preocupação epistemológica na produção bibliográfica do campo (em contrapondo ao falso discurso de ausência de reflexões



teórico-históricas sobre o saber e o fazer (meta)informacionais, o que pode ser provado, na empiria bibliográfica, por centenas de discursos já mapeados.

O movimento central desta pesquisa teórica tem como cais alguns marcos temporais distintos e provocativos com efemérides registradas nos próximos anos:

a) Em 2022, chegamos aos 220 anos do grande mapeamento epistemológico, sob metodologia cartesiana iluminista, de Gabriel Peignot,

b) No mesmo ano, 2022, chegamos ao centenário de produção da obra epistemológico-metodológica com influência fundamental no pensamento Otletiano, a saber, *Introdução à Bibliopsciologia*, de Nicolas Roubakine;

c) Por um outro lado, 40 anos nos separam, quando atingirmos 2023, dos 40 anos de conclusão da tese-mapa de Alvin Scharder, defendida em 06 de julho de 1983, na *School of Library and Information Science* da Indiana University para obtenção do título de Doutor em Filosofia. Intitulada *Toward a new theory of library and information science* e se propõe uma exaustiva cartografia de nosso campo, atingindo a compilação reflexiva de mil páginas de dedicadas a identificar, classificar e analisar a construção epistemológica do campo, incluindo os seus metadiscursos sobre as teorias da Ciência da Informação;

d) Integra o fechamento desta obra, o caminho dos 30 anos do grande mapeamento de Joseph Nitecki, que serão completos em 2023, no decurso do desenvolvimento da pesquisa, provavelmente uma das mais cartografias epistemológicas da Ciência da Informação. Para a conclusão do século XX no âmbito cartográfico, podemos identificar aqui a síntese epistemológico-histórica de nosso pensamento.

3.2 O lento e profundo exercício cartográfico desde a longa viagem de Gabriel Peignot

Nossa hipótese confirmada nos projetos anteriores é que com a sistemática de Gabriel Peignot (1802a,b) se inicia tal processo. A assertiva da hipótese procuramos demonstrar em metodologia reflexiva anterior, que explorou, ao longo de uma década, entre 2010 e 2020, a potência e o ato da produção do pensamento peignotiano, influenciando diretamente toda a produção otletiana e a posterior teoria documentalista, se compreendida, como parte da francofonia epistêmica de nosso campo estabelece, como estado epistemológico independente. Em mais de mil páginas, Peignot estabelece a existência de construção de um campo do conhecimento, seus atores, seus métodos, seus produtos, seus grandes conceitos.



A partir de seu *Dictionnaire raisonné de bibliologie*, de 1802, com cerca de 1.200 páginas, encontramos um mapa didática para os estudos bibliológicos, incluindo a explicação dos principais conceitos do léxico que gira em torno do “livro”, da indicação de bibliotecas, chegando até a exposição dos sistemas bibliográficos. Como observa Couzinet (2011), outra cartógrafa do nosso pensamento, com foco na construção infocomuncacional francesa, Paul Otlet partirá da definição de Peignot para configura a sua própria cartografia epistemológica presente no *Traité de Documentation*.

4 PRIMEIRAS PAISAGENS NÚNCIAS

4.1 Do porto de Peignot ao mar oceano: outras cartografias

A estrutura do pensamento que nos cerca advém de uma longa construção metametodológica e de base epistemológica clara e robusta. A pretensa provocação – presente em discursos que, ainda nos anos 1990, anunciavam a dependência de uma fundamentação mais segura para o campo, diante de uma já consolidada rede disciplinar, teórica, metodológica e aplicada – pode ser interpretada como assertiva científica, como dito, perante a série de demonstrações empírico-bibliográficas de outras cartografias já constituídas, bem como sua dimensão, seus métodos, seu contexto, sua exaustividade. Como observado, desde Gabriel Peignot constitui-se um corpo de obras grandiosas, ora maiores, ora menores, orientadas para a problematização da construção do campo e suas fronteiras teóricas, metodológicas, conceituais.

O exercício aqui tecido aponta para algumas das travessias cartográfico-narrativas, sem esgota-las, mas buscando dar conta de seu vigor nos últimos 40 anos. Para tal, pré-selecionamos, via um critério epistemológico-cartográfico – a intencionalidade do mapa epistemológico – e outro, de ordem espacial – a cobertura pretendida pelas autorias. De todo modo, essas são dimensões de critérios muito abertas, dada as diferentes propostas identificadas previamente. A pretensão é, no entanto, atingir justamente não uma unidade, mas demonstrar a pluralidade de abordagens e de métodos para a cartografia de nosso pensamento, como as trilhas dos mapas de Schrader e Nitecki, nessa etapa da pesquisa iluminados.



4.2 A Consensibilidade Schrader

Em 1983 é concluída aquela que é, até ali, em nossa análise até o momento, a mais vasta revisão da produção do conhecimento no campo até o momento. Alvin Schrader (1983), reconhecendo uma travessia histórica do campo no plano diacrônico e sincrônico, investiga, a partir do conceito de “domínio” a construção epistemológica da Ciência da Informação. O autor procura as definições empíricas e conceituais do “domínio” que nos leva ao nosso próprio metaquestionamento epistêmico. Seu percurso atravessa o dilema terminológico – o nome do domínio – e a pluralidade de macroconceituações, como library science, library and information science, information science – adotadas na construção do campo, incluindo as definições dos objetos e das pessoas, artefatos e sujeitos que compõem a construção de nossa cientificidade.

A partir da quinta seção de sua tese, Schrader (1983) busca um mapeamento do universo do discurso do campo. Para tal, o pesquisador se utiliza da concepção de sistema – ou seja, a ideia de “universo do discurso” como um “sistema”. Em nossa concepção, essa percepção, sob configurações distintas e contextos específicos, a “sistemática peignotiana” também antevira essa condicionante.

Apesar de sua vasta bibliografia demonstrar a pujança da produção bibliográfica metateórica, Schrader (1983) reconhece aqui que não há, até a sua pesquisa, um universo do discurso do campo ainda nitidamente definido, convocando um sistema de termos, uma rede de definições a ser constituída. O “universo do discurso”, na teoria schraderiana, é fundamentalmente humano e social, ou seja, fruto de uma construção de sujeitos na realidade social. Antes de uma possível epistemologia pura, esse mapa permitido pelo “universo do discurso” é, segundo Schrader (1983), um “estudo” – neste caso, o estudo do desenvolvimento do pensamento em Ciência da Informação.

O “universo do discurso” como sistema parte de uma necessária condição lógica, de um modelo metateórico e a precisão (metodológica) da prática e do estudo. Reconhece-se, no modelo schraderiano, a condição da prática social como sistema de termos. Trata-se, a prática social, de um sistema de ações e relações humanas planejado para produzir efeitos sociais, psicológicos e físicos pretendidos. Assim, a partir da noção geral da teoria do sistema e o vínculo à , uma rica rede de inferências metateóricas pode ser deduzida e explicada para o caso de acesso tomado como um caso especial de funcionamento do sistema.



Este modelo é buscado aqui no domínio vinculado à teoria geral dos sistemas, em diálogo crítico com Bertalanffy, ou seja, o domínio é fruto uma prática social pode ser caracterizada no sistema termos. Uma prática social é um sistema de ações e relações humanas planejado para produzir os efeitos sociais, psicológicos e físicos pretendidos. Assim, a partir da noção geral da teoria dos sistemas, uma rica rede de inferências metateóricas pode ser deduzida e explicada para o caso de acesso tomado como um caso especial de funcionamento do sistema.

Dentro do domínio amorfo do que é descrito cada vez mais frequentemente na literatura profissional em Ciência da Informação, a busca por uma definição, por identidade “consensível” – consensible – ou da “consesibilidade”, tem sido buscado desde pelo menos o final de 1800 por várias comunidades de investigadores e profissionais. O termo consensible é o neologismo de Ziman (1968) que compreende a opinião racional sobre a qual existe um dado acordo coletivo acadêmico; conhecimento consensível é a crença sobre o mais amplo possível gama de problemas e incertezas que são consideradas prováveis se não for certo pela mais ampla comunidade possível de estudiosos. Assim, microfilmes, cartões perfurados e outras inovações reprográficas foram a moda de uma dada época, na crítica schraderiana. Desde a década de 1950, o estreito foco tecnológico foi reforçado pelo rápido surgimento de sistemas computadorizados de controle bibliográfico, da capacidade de pesquisa bibliográfica on-line, e de acesso e disseminação de texto eletrônico.

Em seu esquema sobre a sistemática da epistemologia do campo, Schrader (1983) coloca em evidência analítica: a) definições apareceram no campo ao longo de 100 anos; b) a compreensão lógica dessas definições. As definições, por sua vez, são compreendidas como uma teorização descritiva rudimentar – que nos lembra a posição da filosofia da linguagem ordinária de Wittgenstein (1979). Assim, na posição do longo percurso cartográfico de Schrader (1983) é a procura por uma definição “primitiva”, um discurso que busca a “identidade consensível” em Ciência da Informação sobre sua episteme. Desdobrada da posição schraderiana, uma vez que “definir” é uma teorização rudimentar, sua cartografia narrativa tem como objetivo contribuir para a teorização da Ciência da Informação, facilitando o enfoque do consenso de definição do campo.



4.3 A Triologia Nitecki

Pouco explorado na pesquisa brasileira em Ciência da Informação, o modelo proposto por Nitecki (1993) distingue teoria da disciplina, implementações aplicadas e os aspectos filosóficos. No plano macro, a metalibrarianship é uma especulação metafísica sobre as características da produção bibliográfica do campo biblioteconômico-informacional.

O foco deste estudo está na natureza das relações entre o conteúdo das mensagens contidas nos portadores de informação e sua interpretação conceitual pelo receptor das mensagens. Cada interpretação aborda diferentes aspectos dos relacionamentos. O objetivo deste modelo é relacionar as categorias de diferentes interpretações em um sistema coerente.

As correlações são definidas internamente e interpretadas externamente a partir de pontos de vista metafísicos, epistemológicos e éticos. As redes de relações entre suas estruturas internas e interpretações externas definem a disciplina metaepistemológica denominada metalibrarianship.

Os valores práticos do modelo residem em fornecer uma visão sobre as funções intermediárias dos bibliotecários e na identificação de denominadores comuns que unificam várias e divergentes atividades de biblioteca. Na visão niteckiana, a metalibrarianship aborda a essência metafísica, a natureza epistemológica e os valores e propósitos éticos das agências de informação, incluindo os pressupostos, a saber,

a) A essência metafísica que se relaciona com os elos básicos entre os conceitos registrados e sua cognição. Eles definem as realidades finais do campo;

b) A natureza epistemológica das relações descreve os processos para equilibrar as tendências empíricas de redução de ideias a dados, com as reivindicações metafísicas de sua existência independente. A validade epistemológica desses processos é determinada pela análise lógica;

c) Os valores e propósitos éticos das operações em Ciência da Informação são expressos por seus objetivos de fornecer serviços satisfatórios, mas também objetivos à sociedade.

A partir do último elemento, fala-nos Nitecki (1993), o campo informacional é uma espécie de cartografia intelectual, orientando as pessoas para ideias específicas – o pesquisador menciona, nesse aspecto, o pensamento de J. L. Wheeler, na obra de J. L.



Wheeler, Progress and Problems in Education for Librarians, publicada em 1946, em New York, pela Carnegie Corporation, que compreende a Ciência da Informação como “o mapa do conhecimento”. Tal metáfora cartográfica, segundo o pesquisador, foi desenvolvida por R. J. Merikangas, em Theory and Practice of Library Client Interaction, publicado em 1987, para quem o campo representa a atividade mental unificadora de organizar tudo em um mapa mental, desde a instrução bibliográfica até a descoberta de caminhos e esquemas de solução de problemas. Em outras palavras, essa metaforicidade recupera a tradição dos sistemas bibliográficos em Gabriel Peignot (1802a, 1802b).

A Trilogia Nitecki, deste modo, consiste em uma introdução ao estudo da natureza e escopo da Ciência da Informação como disciplina, b) uma descrição da relevância filosófica de sua construção epistemológica, c) uma proposta para uma abordagem abrangente modelo de metaepistemológica e d) um conjunto de modelos de aplicabilidade do campo em sua práxis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS TENTAÇÕES DESVELADAS

Os destinos lançados até o momento nos apresentam os horizontes fundados em vestígios colocados à prova das reflexões teóricas, aqui sintetizados:

- i) A filosofia da informação prova a inseparabilidade fundamental da empiria no construto teórico da realidade, ou seja, podemos provar os efeitos materiais de toda a teoria informacional, desde a mais longa tradição filosófica do Fedro platônico;
- ii) A epistemologia da Ciência da Informação, para além de um território empírico de aplicação de uma filosofia (retrospectiva ou contemporânea) da informação é o solo (meta)teórico seguro, posta sua historicidade, de produção filosófica da e para informação, incluindo parte da mais relevante e exaustiva crítica ao conceito em questão, “informação”;
- iii) A tradição filosófica da Ciência da Informação não só se constitui como território de amplo debate contemporâneo, como é oriunda de uma longa tradição, profunda e segura, cuja empiria bibliográfica pode ser comprovada não apenas por um, mas por dezenas de cartografias filosófico-epistemológicas, mais ou menos exaustivas, dispersas ou interligadas no espaço-tempo de nosso pensamento;



- iv) A inseparabilidade entre teoria e empiria no território filosófico informacional funda uma teoria do conhecimento que nos coloca – a filosofia da informação tecida em Ciência da Informação como núcleo da inovação na teia ciência-sociedade, demarcando também a assertiva de que os fenômenos dos últimos 100 anos, da cibernética ao dilema das redes sociais, demonstram que a inovação sociocrítica depende de uma crítica da informação.

As direções da pesquisa nos lembram, porém, na nebulosa face das rotas inconclusas, o mistério a ser reconhecimento nos fenômenos filosóficos das cartas do século XXI em construção.

FINANCIAMENTO

A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Rhétorique*. Paris: Gallimard, 1991.

ARISTÓTELES. *Órganon*: Categorias, Da interpretação, Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações sofísticas. 2. ed. Bauru, SP: EDIPRO, 2010.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CAPURRO, R. Hermeneutics and the Phenomenon of Information. In: MITCHAM, Carl (Ed.). *Metaphysics, Epistemology and Technology*. Research in Philosophy and Technology. New York: Elsevier, 2000. v. 19. p. 79-85, Disponível em: <<http://www.capurro.de/ny86.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2007.

CAPURRO, R. Epistemologia y ciencia de la información. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação da UFMG, 200

CAPURRO, R. What is Information Science for? a philosophical reflection In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). *Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives*. In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, UNIVERSITY OF TAMPERE, FINLAND.1991. *Proceedings...* London, Los Angeles: TaylorGraham,1992. p. 82-96.

COUZINET, V. Des pratiques érudites à la recherche: bibliographie, bibiologie. In: GARDIÈS, C. *Approche de l'information-documentation: concepts fondateurs*. Toulouse: Cédaduès-Éditions, 2011. p. 167-186.

DAY, R. Poststructuralism and information studies. *Annual review of information science social and technology* (ARIST), v. 39, p. 575-609, 2005.



DAY, Ronald. *The Modern invention of information: discourse, history and power*. Illinois: Southern Illinois University Press, 2001.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ESTIVALS, Robert. Les langages et leurs interrelations: quelques axes pour une théorie sémiologique de la communication. *Revue de Bibliologie: schéma et schématisation*, n. 33, p. 8-16, 1990.

ESTIVALS, R. A Dialética contraditória e complementar do escrito e do documento. *R. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 121-152, set. 1981.

ESTIVALS, Robert. Luttés de classe et schématisation. *Schéma et schématisation*, n. 9, p. 5-10, 1978.

ESTIVALS, Robert. *Le signisme: l'histoire du schématisation* I. Paris: L'Harmatan, 2005.

ESTIVALS, R. A Dialética contraditória e complementar do escrito e do documento. *R. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 121-152, set. 1981.

FROHMANN, Bernd. Reference, representation, and the materiality of documents. In: COLÓQUIO CIENTÍFICO INTERNACIONAL DA REDE MUSSI. 2011. *Anais...* Toulouse: Université de Toulouse 3, 2011.

FROHMANN, Bernd. Revisiting "what is a document?" *Journal of documentation*, v. 65, n. 2, p. 291-303, 2009.

FROHMANN, Bernd. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. *Library Trends*, v. 52, n. 3, p. 387-407, win. 2004.

FROHMANN, B. Rules of indexing: a critique of mentalism in information retrieval theory. *Journal of Documentation*, v. 46, n. 2, jun. 1990.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Dos estudos Sociais da Informação aos Estudos do Social desde o ponto de vista da Informação. In: AQUINO, Miriam de Albuquerque (Org.). *O Campo da Ciência da Informação: Gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora UFPB, 2002. p. 25-47.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Inf.*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Comentários ao artigo "Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia". *Transinformação*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 44-56, set./dez. 1996a.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Comentários Da organização dos saberes às políticas de informação. *INFORMARE – Cad. Prog. Pós-grad. Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 58-66, jul./dez.1996b.

HJØRLAND, Birger. Library and information science and the philosophy of science, *Journal of Documentation*, v. 61, n. 1, p. 5–10, 2005a.

HJØRLAND, Birger. Empiricism, rationalism and positivism in library and information science. *Journal of Documentation*, v. 61, n. 1, p. 130-155, 2005b.



HJØRLAND, Birger.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 46, n. 6, p. 400-425, jul. 1995.

INGWERSEN, Peter. Cognitive perspectives of information retrieval interaction: elements of a cognitive IR theory. *Journal of Documentation*, v. 52, n. 1, p. 3-50, march. 1996.

MOSTAFA, S. P. *Epistemologia da Biblioteconomia*. 1985. 147 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.

MOSTAFA, S. P. Filosofando sobre a área de informação. In: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO; ASSUMINDO UM NOVO PARADIGMA ACERVO VERSUS INFORMAÇÃO, 1996a, Londrina. Simpósio Brasil-Sul de Informação. Londrina : UEL, 1996. v. 1. p. 31-45.

MOSTAFA, S. P. Produção de conhecimentos em Biblioteconomia. *R. Bibliotec. Brasília*, v. 11, n. 2, p. 221-229, jul./dez. 1983.

NITECKI, Joseph Z. Philosophical Ancestry of the American Library Information Science. 1997. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080724115234/http://www.twu.edu/library/nitecki/aspects/index.html>. Acesso em 03 jan. 2020.

NITECKI, Joseph Z. Philosophical Aspects of Library Information Science in Retrospect. 1995. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080724115234/http://www.twu.edu/library/nitecki/aspects/index.html>. Acesso em 03 jan. 2020.

NITECKI, Joseph Z. Metalibrarianship: A Model for Intellectual Foundations Of Library Information Science. 1993. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080723212408/http://www.twu.edu/library/Nitecki/metalibrarianship/index.html>. Acesso em 03 jan. 2020.

OTLET, Paul. *Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.

PEIGNOT, Gabriel. *Dictionnaire raisonné de bibliologie*, tomo I. Paris: Chez Villier, 1802a.

ROUBAKINE, Nicolas. *Introduction a la psychologie bibliologique*; v.1 Paris: Association Internationale de Bibliologie, 1998a.

ROUBAKINE, Nicolas. *Introduction a la psychologie bibliologique*; v.2. Paris: Association Internationale de Bibliologie, 1998b.

PINHEIRO, L. V. R. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. *Informação e Sociedade*, v. 15, n. 1, 2005. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/51>. Acesso: 15/05/07.

PLATÃO. A República. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 15. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

RANGANATHAN, S.R. *As Cinco leis da Biblioteconomia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.



RAYWARD, W.B. The History and historiography of information science: some reflections. *Information and Management*, v. 32, n. 1, p. 3-17, 1996.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel. *Bases teóricas y filosóficas de la bibliotecología*. México (D.F.): Universidade Nacional Autónoma de México, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 1997.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel. Un Análisis filosófico de la Bibliotecología. *Investigación Bibliotecológica*, v. 10, n. 20, p. 9-15, jan./jun. 1996a.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel. Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia. *Transinformação*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 17-31, set./dez. 1996b.

SALDANHA, G. S. Un portrait de Robert Estivals au miroir de la Revue de Bibliologie : des chemins théoriques pour une réflexion historique. *Les Cahiers du Numérique*, v. 16, p. 1622-1494, 2020.

SCHRADER, Alvin. *Toward a new theory of library and information science*. Thesis. 1983. Indiana (EUA). School of Library and Information Science, Indiana University, 06 July 1983.

SHERA, Jesse. H. Epistemologia Social, semântica geral e biblioteconomia. *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977.

SHERA, Jesse. H. Toward a theory of librarianship and information science. *Ci Inf.*, v. 2, n. 2, p. 87-97, 1973.

SHERA, J. H.; CLEVELAND, D. B. History and foundations of information science. *Annual review of information science and technology (ARIST)*, v. 12, p. 249-275, 1977.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *O Livro azul*. Lisboa: Ed.70, 1992a.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *O Livro castanho*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992b.